

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!

## A ESCALADA DOS PREÇOS CONTINUA

Nos primeiros quatro meses de 1972, a subida continua dos preços dos artigos de primeira necessidade tornou-se alarmante para os trabalhadores.

O governo de M. Caetano mostrou-se incapaz de sustentar a alta dos preços.

A guerra de classe dos monopólios e do seu governo contra o nível de vida das massas trabalhadoras, estas têm de opor a sua guerra de classe contra os monopólios e o seu governo, por aumento imediato de salários — contra a vida cara.

# Grandiosa manifestação no Porto

## À VOZ DO P.C.P. MAIS DE 40.000 PESSOAS DESCERAM À RUA A MANIFESTAR-SE CONTRA A CARESTIA DA VIDA; POR AUMENTO DE SALÁRIOS!

Em documentos da Direcção do Partido e em números sucessivos do «Avante?» dissemos que não mudando o país de política, a situação, já de si difícil, das massas trabalhadoras agravar-se-ia tanto mais quanto as lutas destas nas várias frentes de combate sofressem quebras de continuidade, não tomassem a amplitude necessária. Os factos aí estão a mostrar que tínhamos razão.

M. Caetano, Xavier Pintado e outros porta-vozes do governo prometeram em Outubro passado medidas drásticas, uma «auténtica guerra» contra a subida dos preços. Que o governo, pelos interesses que representa e defende e pela política antinacional que vem seguindo, não desencadeou, nem podia desencadear tal guerra, toda a gente o sentiu dia após dia, mês após mês, na bolsa e no estômago. Os preços não deixaram de subir a um ritmo ainda mais veloz que anteriormente. e o governo prosseguiu, mais ferozmente ainda, a política de intensificação da exploração do proletariado, quer pelo aumento dos ritmos e das horas de trabalho, quer pelo aumento dos despedimentos de trabalhadores, quer

pelo congelamento dos salários e cerceamento de direitos adquiridos, quer ainda pela repressão policial sempre que os trabalhadores reclamam melhores condições de vida e de trabalho.

A «guerra de que falou Caetano não passou de umas brigadas repressivas lançadas contra os pequenos comerciantes e produtores e mesmo assim para os obrigar a pesar as hortaliças (o que astornou ainda mais caras) e afixarem os preços nos produtos à venda. Tivemos assim uma dança de pôe leitreiros-tira leitreiros, visto que os preços sobem quase todos os dias.

**É contra o povo  
que Caetano  
desencadeia a guerra**

É numa tal situação que à voz do Partido Comunista Português, no dia 15 de Abril, **mais de 40.000 pessoas descem à rua** na cidade do Porto para protestarem contra a carestia da vida e reclamar meios para a enfrentar, ou seja, aumento de salários e medidas eficientes para pôr um travão à alta dos preços.

Procurou o governo de Caetano

ouvir e atender as justas reclamações populares expressas pacificamente? Nada disso.

Antes da manifestação os rafeiros da PIDE e da PSP procuravam afanosamente deitar a mão aos seus organizadores, na véspera realizaram uma série de prisões preventivas e no dia da manifestação poderosas forças repressivas foram postas na rua com o objectivo de a impedir. Desvio do trânsito, impedimento de parar nas ruas da baixa, ameaças de prisão e empurrões violentos às pessoas que circulavam, tudo em vão.

Corajosamente, a multidão ia engrossando cada vez mais, todos sentiam que era preciso fazer qualquer coisa, protestar contra a vida cara e as suas causas. Este objectivo foi inteiramente alcançado.

Conforme os jornais diários confirmaram, por volta das 18,30 o trânsito começou a tornar-se difícil. Foi então arvorada uma

bandeira nacional, lançadas ao ar milhares de tarjetas e levantados cartazes com as palavras de ordem para a manifestação. Da imensa multidão rompem gritos de:

**Abaixo a carestia da vida!  
Aumento geral de salários!**

**Abaixo as guerras coloniais!**

**Feriado no 1º de Maio!  
Abaixo o fascismo!**

Contra uma manifestação pacífica de gente de trabalho, de mulheres do povo, de jovens trabalhadores e estudantes, de intelectuais, M. Caetano atirou as forças da PIDE, PSP, GNR e Legião, fardados e à paisana, com cães polícias, cassetetes e matracas de aço, além de armas de fogo.

Esta a guerra de Caetano contra a subida dos preços.

Os manifestantes enfrentam corajosamente a brutalidade das forças repressivas, dando provas (cont. na 2ª pág.)

## 1º DE MAIO

### O governo tem medo do povo

A vasta acção repressiva que impera de norte a sul do País contra as mais pequenas e simples manifestações que cheirem a cultura, solidariedade, desejo de saber e de informação, ansio de melhores condições de vida e de trabalho, de progresso, justiça e paz, de liberdade; contra as cooperativas, as associações escolares e as direcções dos sindicatos nacionais que defendem os interesses dos trabalhadores, mostra à evidência que o governo tem medo do povo, tem medo que o descontentamento popular contido nos diques da intimidação e da repressão rebente em caudais incontidos de luta contra a sua política antinacional.

O que se passou em volta do 1º de Maio, confirma isso mesmo. Ordenando dias antes a prisão de dezenas de antifascistas e publicando uma nota provocatória do Ministério do Interior, o governo procurou por meio da repressão preventiva, da mentira, da calúnia e da ameaça sangrenta con-

fundir e intimidar as massas populares e separá-las do P.C.P. e de outras forças democráticas.

Em Lisboa, o dispositivo da repressão tomou aspectos bélicos. O trânsito, tanto de veículos como de pessoas, foi cortado ou limitado no Rossio, Restauradores, Martim Moniz, Terreiro do Paço, assim como em **Moscavide**, onde foram concentradas forças repressivas armadas até aos dentes e com cães polícias. Muitos estabelecimentos da baixa encerraram as suas portas a partir das 16 horas.

No Porto, segundo o jornal «A Capital» de 3 de Maio, houve prevenção «contra a ocorrência de manifestações populares»; os estabelecimentos do centro da cidade encerraram às 18 horas.

No Barreiro, a partir do dia 25 de Abril, a PIDE mostrava-se ostensivamente, as patrulhas da GNR foram reforçadas e colocadas em todos os cruzamentos de ruas e às portas das grandes em- (cont. na 2ª pág.)

## GREVE NA GEFFA

### Exemplo de solidariedade operária

Mais uma vez as valentes operárias desta empresa decidiram recorrer à greve lutando por aumento de salário para as operárias que ganhavam menos de 60\$500 diários e pela reconquista de regalias que lhes haviam sido retiradas pelo actual gerente.

Entretanto, na secção de mecânica, um operário foi arbitrariamente despedido. Os trabalhadores reagiram imediatamente indo protestar junto da gerência e afirmando que se considerariam todos despedidos se o seu camarada não fosse readmitido.

Este acontecimento precipitou a greve. Antecipando a hora do início da mesma, as operárias solidarizaram-se com os seus camaradas mecânicos e juntaram às suas reivindicações o despedimento do actual gerente.

A combatividade dos trabalhadores fez recuar o patronato, declarando que todos os mecânicos estavam readmitidos e prometendo o aumento reclamado pelas operárias ainda para o mês de Abril.

Só no 2º dia de greve, às 13,30, depois de terem satisfeita esta reivindicação, as operárias retomaram o trabalho.

A greve na GEFFA foi um magnífico exemplo de solidariedade operária que mostra com evidência que quando os trabalhadores estão unidos e firmes, o patronato não tem as mãos livres para explorar e reprimir.

Mas, atenção: os gerentes e chefes prepotentes são simples instrumentos da exploração capitalista nas mãos do patronato. Isto indica que há que discutir cuidadosamente as formas que a luta contra a prepotência destes lacaios deve tomar.

Respondendo com a sua acção solidária a cada manifestação de prepotência, venha de onde vier, os trabalhadores não de-em perder de vista os seus inimigos principais: os exploradores capitalistas. Só assim poderão fazer respeitar os seus direitos e avançar na luta pela satisfação das suas reivindicações, contra a exploração.



## GRANDIOSA MANIFESTAÇÃO NO PORTO

(cont. da 1ª pág.)

de grande combatividade. Dezenas deles são feridos, alguns gravemente, tendo de recorrer aos hospitais, dezenas de outros são presos e enviados para os antros da PIDE-DGS, onde têm sido sujeitos a maus tratos.

### Liberdade para os presos!

Ampliar a luta pela libertação dos manifestantes presos encaeta logo na véspera da manifestação contra as prisões preventivas e continuada no dia seguinte com várias acções, entre elas o envio ao chefe do governo de um telegrama de protesto contra a brutalidade das forças repressivas e exigindo a libertação dos presos assinado por 700 democratas, ampliar essa luta é de agora em diante uma tarefa premente que se coloca a todos os antifascistas, que devem esforçar-se também para que não falte aos presos assistência jurídica, moral e material.

### A importância da agitação

A grande agitação feita a partir de Fevereiro desempenhou um importante papel em todo o processo de mobilização das massas, organização e preparação da manifestação de 15 de Abril. Sem uma tal agitação não teriam sido possíveis, nem a manifestação nem o sucesso da mesma.

A Organização Regional do Norte do P.C.P. não se limitou a agitar o problema da vida cara, indicou também as suas causas—a guerra colonial, a incapacidade da produção nacional satisfazer a procura, o enriquecimento acelerado dos monopolistas sem pátria, etc.. As massas laboriosas ficaram sabendo também que a política do governo de Caetano é contrária aos seus interesses e, portanto, aos interesses nacionais.

Pelo elevado número de exemplares de documentos e tarjetas editadas, pelo seu conteúdo esclarecedor e mobilizador, pela forma eficientíssima, por vezes espectacular, como foi distribuída, a agitação e propaganda criaram entusiasmo e confiança nas massas populares da região do Porto. É justo, pois, afirmar-se que a agitação realizada se deve, em boa medida, a grandeza e o sucesso da manifestação do dia 15 de Abril no centro do Porto, contra a vida cara, por aumento de salário, contra a guerra colonial, contra o fascismo.

### A influência e os ensinamentos da manifestação

Tal como pouco antes a greve da Grundig de Braga se repercutiu favoravelmente na região norte, entre os trabalhadores, criando na onda de entusiasmos para outros combates de classe, a grandiosa manifestação do dia 15 de Abril, no Porto, repercutiu-se à favoravelmente entre as massas populares à escala nacio-

nal, criando novos entusiasmos e confiança nas suas próprias forças.

Descendo à rua em tão grande número sabendo de antemão que tinham de enfrentar poderosas forças repressivas, as massas populares deram provas de grande coragem e mostraram mais uma vez, ao governo, que não aceitarão a intensificação da exploração e da repressão contra elas dirigida de braços cruzados; mostraram aos esquerdistas de garganta, que vêm à luta frontal contra os exploradores e o fascismo por objectivos concretos e imediatos por si sentidos e compreendidos, mas que não se deixarão arrastar para aventuras e provocações; mostraram aos oportunistas de direita, que insistem em proclamar com ares de entendidos que certos tipos de luta não são oportunos, que não se deixarão puxar para trás quando a sua própria sobrevivência e dos seus está ameaçada pela miséria e a fome.

### Avante para novas acções!

Saudando a valente classe operária do Porto, a juventude trabalhadora e estudantil, os intelectuais que desceram à rua com o povo, as heroicas mulheres trabalhadoras dos bairros populares que desceram à rua a bater-se por melhores condições de vida; saudando todos os militantes e simpatizantes da O.R.N. do P.C.P., os impressores dos materiais de agitação e propaganda e os corajosos componentes das brigadas de agitação que com o seu trabalho abnegado tornaram possível a grandiosa manifestação contra a carestia de vida—saudando todos, o «Avante!» incita-os a prosseguir avante na clandestinidade ou na legalidade, nas empresas e nos sindicatos, nas ruas, contra a carestia da vida e as suas causas, por aumento de salários, contra a repressão fascista.

## Jornada de luta na Universidade de Coimbra

A fim de impedir os estudantes de comemorarem o 17 de Abril (aniversário do início das poderosas lutas do ano escolar de 1968-69), o Reitor fascista Cotelro Neiva não se limitou a recusar-se a ceder as instalações académicas para uma Assembleia Magna e um convívio. Mandou invadir a Universidade pela polícia.

Apesar disto, à hora marcada para a Assembleia Magna, cerca de 1.500 estudantes apinhavam-se nos Gerais, tendo ficado mais de 1.500 à porta das Faculdades.

Sem acatarem a proibição do director, os estudantes deram início à Assembleia. Quando a polícia interveio com um ultimatum, os estudantes irromperam em vaia ao tenente e aos gritos de «fora o reitor». Sob a palavra de ordem «tudo para a cantina», os estudantes passaram entre 2 gran-

(cont. da 1ª pág.)

presas. **No Baixo Ribatejo, Sintra-Mem Martins, Pero Pinheiro,** o mesmo aparato repressivo.

A repressão e a caça ao homem não impediram, porém, que nas vésperas do 1º de Maio tivesse lugar no Porto a grandiosa manifestação contra a vida cara, de que falamos noutra local, e que, em especial, nas regiões de **Lisboa, Baixo Ribatejo, Margem Sul do Tejo e Torres Novas** tivesse lugar uma intensa agitação concretizada na distribuição de muitas dezenas de milhar de exemplares de manifestos e tarjetas e de inscrições nos muros, desmascarando a política anti-operária e antinacional do governo fascista de M. Caetano.

Esta agitação e propaganda foram acolhidas calorosamente pelas massas e não deixarão de dar os seus frutos num futuro próximo.

Por outro lado, os abaixo assinados dirigidos ao governo contra a vida cara com milhares de assinaturas (mais de 1.000, no Barreiro, 11.500, no concelho de Vila Franca de Xira) e a exposição de protesto de 2.000 habitantes

## O POVO PORTUGUÊS E O POVO BRASILEIRO SÃO IRMÃOS DE COMBATE

As falsificações históricas e os sofismas com que M. Caetano procurara justificar a participação do governo fascista colonialista português nas comemorações do 150º aniversário da independência do Brasil mais não tinham conseguido do que vinciar a criminosa feição colonialista do seu governo e a identidade da política de exploração e opressão dos regimes ditatoriais de Portugal e do Brasil.

da vila de Vila Franca de Xira dirigida ao presidente da Câmara contra o aumento de 43% no custo da água e de 100% no aluguer dos contadores e a criação de um novo imposto de saneamento; a greve, no dia 18 de Abril, das operárias e operários da GEFFA, a apresentação em várias empresas da Margem Sul do Tejo, Lisboa e região do Norte das reivindicações dos trabalhadores; a movimentação das massas trabalhadoras nos sindicatos nacionais por novos contratos colectivos que expressem em letra de forma as suas reivindicações e direitos e por eleições honestas; a falta ao trabalho em várias empresas das regiões de Oeste e Lisboa; as reuniões que tiveram lugar um pouco por toda a parte, onde os trabalhadores falaram do significado do 1º de Maio e da sua situação; a bandeira vermelha que flutuou Lisboa,—tudo isto, mais o dispositivo repressivo montado pelo governo, mostra que a farronca do ministério do Interior de que

«O 1º de Maio constitui uma prova real da impermeabilidade das populações à propaganda dos agitadores...»

Não ilude ninguém.

Aproveitando-se duma data histórica, cara aos sentimentos patrióticos e democráticos dos povos dos dois países, os governos de M. Caetano e do general Medici, acabam de levar a cabo uma gigantesca e dispendiosa operação propagandística, com o fim de iludir as profundas razões de descontentamento e de falta dos trabalhadores e das massas populares, cada vez mais exploradas e oprimidas.

Porém, os povos brasileiro e português não se deixaram arrastar para o jogo maquiavélico dos seus opressores. Assim, sob os aplausos das suas camarilhas, fascistas-colonialistas portugueses e reaccionários militaristas brasileiros representaram símbolos a sua farsa até ao fim.

A tão cantada «histórica» viagem de A. Tomaz ao Brasil acabou sem brilho, no meio da maior indiferença popular. Não porque a máquina de propaganda fascista não tivesse funcionado a todo o vapor. A Câmara Municipal de Lisboa, um sem número de organizações e colectividades sob controle fascista haviam feito amáveis «convites» à população de Lisboa e, para facilitar as coisas, a hora da chegada do presidente fora marcada para depois das horas de saída do trabalho. Uma grandiosa manifestação «espontânea» do povo de Lisboa fora anunciada na véspera nos jornais. Mas o povo português não estava lá. A. Tomaz tinha apenas à sua espera a camarilha fascista e os seus acólitos, uma cáfila da Pide-DGS e muitos cavalos de GNR.

des filas de polícias, vaiando a polícia.

Na cantina, a luta prosseguiu, apesar da invasão policial e da acção fiscalizadora de empregados-pides. Um abaixo-assinado dirigido a Veiga Simão reclamando a imediata abertura da Associação Académica e condenando o apoio das autoridades a grupos anti-estudantis recolhe cerca de 600 assinaturas. A reunião que se seguiu teve a presença de 500 estudantes. Cerca de 30 verbalistas procuraram sabotar a reunião, mas ficaram isolados. A sua aliança objectiva com a repressão e a qualidade de reaccionários encapotados de muitos deles foi desmascarada.

O dia 17 de Abril em Coimbra foi mais uma importante manifestação estudantil antifascista.

AINDA O 50º ANIVERSÁRIO DO P.C.P.

## SAUDAÇÃO DOS COMUNISTAS ENCARCERADOS EM PENICHE

*Difficuldades de toda a ordem, sendo de destacar, em primeiro lugar, o isolamento feroz a que estão submetidos, impossibilitaram que a mensagem de saudação pelo 50º aniversário do Partido dos comunistas encarcerados em Peniche saísse dali e nos chegasse na altura própria.*

*Mesmo com um ano de atraso, pelo que representa e significa, pensamos ser justo publicá-la.*

AO COMITÉ CENTRAL DO P.C.P..

*Ao festejarmos e celebrarmos o 50º aniversário do nosso Partido, saudamos calorosamente, queridos camaradas, e, por vosso intermédio, todos os militantes do P.C.P. e a classe operária portuguesa.*

*Fundado sob o impacto da grande Revolução Socialista de Outubro, a formação e a história do P.C.P. reflectem o amadurecimento político da classe operária portuguesa. O P.C.P. é a sua obra mais preciosa, a imprescindível vanguarda capaz de conduzir o proletariado à realização das suas tarefas históricas: a construção do socialismo e do comunismo em Portugal.*

*Nos últimos 50 anos vem crescendo o relevo do papel do Partido, tornando-se a história de Portugal indissociável da história do próprio Partido Comunista Português. Apesar da feroz repressão fascista e de classe, da rigorosa clandestinidade a que são forçados, os comunistas portugueses construíram e engrandeceram o seu Partido, tornando-o a principal força antifascista portuguesa. O Partido Comunista Português é o guia do proletariado na sua luta diária, assente na unidade da classe operária. E na sua aliança com o campesinato, o P.C.P. é o principal obreiro da unidade de acção de todos os patriotas e antifascistas, o principal dirigente e o principal organizador das grandes e pequenas lutas contra o fascismo, pelo pão, pela liberdade, pela paz e pela independência nacional.*

*Aplicando com espírito criador a*

*teoria marxista-leninista às condições nacionais, o P.C.P. define justamente a etapa actual da luta revolucionária em Portugal como a revolução democrática e nacional.*

*Apoiando em todas as circunstâncias, a luta dos trabalhadores e dos povos oprimidos, o P.C.P. defendeu sempre fielmente a União Soviética e todo o campo socialista, a unidade do movimento comunista internacional contra todos os cisionistas, numa fidelidade sem reservas aos princípios do internacionalismo proletário, contra o imperialismo e a reacção. O P.C.P. foi a primeira e é a única organização política portuguesa a defender consequentemente o direito dos povos das colónias ditas portuguesas à autodeterminação e à independência; a afirmar que a classe operária portuguesa e os povos das colónias portuguesas são irmãos e aliados contra o inimigo comum: o fascismo e o colonialismo portugueses e os seus patrões, os imperialistas estrangeiros; a ajudar na medida das suas possibilidades a sua heroica luta libertadora e a proclamar que ela constitui uma poderosa ajuda à luta do povo português pela sua própria liberdade e independência.*

*Encarcerados nas cadeias estamos inteira e incondicionalmente convosco na defesa da unidade e coesão do Partido, baseada nos princípios do centralismo democrático e contra as quais se desfarçadamente as manobras e calúnias duns quantos renegados e cisionistas do movimento revolucionário português.*

*Conhecendo a dureza e as dificuldades da luta clandestina, saudamos, camaradas, com a mais viva solidariedade fraternal, desejando-vos firmes sucessos no vosso trabalho.*

*Encarcerados nas prisões fascistas, orgulhamo-nos do nosso Partido.*

*Educados pelo Partido demos-lhe a vida, mas devemos-lhe o melhor que cada um de nós possui: a profunda convicção da justiça da causa do proletariado, a inabalável confiança no futuro do nosso povo e de toda a humanidade, a certeza na vitória final das ideias comunistas.*

## AS MULHERES SÃO COMBATENTES DUMA CAUSA NOBRE

No discurso que proferiu recentemente na Liga dos Combatentes, M. Caetano chorou lágrimas de crocodilo sobre o sofrimento das mães, das esposas, das noivas, das filhas dos militares, não escondendo o seu desejo de atrair as mulheres portuguesas para o campo fascista-colonialista.

Engana-se, porém, M. Caetano se pensa que as mulheres portuguesas se deixam embalar com cantos de sereia. As erminosas guerras coloniais são hoje mais um factor de mobilização das mulheres para o campo das forças democráticas e pacíficas. Corajosa e veemente, acabam de demonstrar na manifestação de 15 de Abril no Porto, na qual grande parte dos 40.000 manifestantes eram mulheres, muitas delas com crianças na mão ou ainda no ventre.

Com a sua demagogia habitual, Caetano falou de organizações femininas que apoiam as tropas colonialistas. Tais organizações, de carácter fascista e militaristas, nada têm a ver com os pro-

blemas e as reivindicações da mulher portuguesa e, de feminino, apenas têm as saias das damas fascistas nelas integradas.

Num país em que as mulheres, como aliás todo o povo, continuam a ser impedidas de se organizar livremente, depois da extinção de todas as suas organizações democráticas, da prisão e persiguição das suas dirigentes, as organizações ditas femininas, nomeadamente o M.N.F., postas a funcionar após o começo da guerra colonial e recebedoras de todas as ajudas do Estado, outra função nunca tiveram nem poderiam ter que não fosse a propaganda fascista-colonialista.

Privadas do direito de se reunir e organizar, as mulheres portuguesas não deixaram por isso de lutar. Pelo contrário. Ultimamente, o seu ardor combativo tem estado bem patente em manifestações de rua, em acções diárias nas empresas, nas comemorações do Dia 8 de Março e noutras acções.

Que M. Caetano elege à categoria de «combatentes» um

## Reforçar a luta por aumento de salários! DEFENDER OS DIREITOS CONQUISTADOS!

A legislação do trabalho caetanista é cada vez mais desfavorável aos trabalhadores. Decretos e despachos que anulam os decretos estão retirando, uma a uma, aos trabalhadores, as conquistas arancadas pela sua dura luta.

O artigo do Regime Jurídico do Trabalho que estabelecia em 9 horas o horário máximo de trabalho diário vigorou apenas 4 dias.

O período de trabalho considerado nocturno acaba de ser reduzido em 3 horas diárias, pelo que o acréscimo de 25% sobre os salários entre as 20 horas e as 23 deixou de ser pago aos trabalhadores.

Para os exploradores capitalistas, porém, todas as medidas anti-operárias são insuficientes. Seguindo as suas conveniências, o patronato faz cumprir a lei ou foge a ela. Na José Ribera (S<sup>a</sup> da Hora), não paga os 25% de acréscimo sobre o trabalho nocturno. Na Eduardo Ferreirinha & Irmão e na Jacinto Ramos (Porto) não cumpre as tabelas salariais estipuladas no novo Contrato Colectivo de Trabalho dos Metalúrgicos. Para se furtar ao cumprimento dos Contratos Colectivos de Trabalho, o patronato está recorrendo a despedimentos e a outras manobras com vista a criar um clima de insegurança entre os trabalhadores e refrear o seu ímpeto combativo. É o que acontece presentemente na Mec — Fábrica de Parafusos (Póvoa de Santa Iria), na Previdente (Alverca), na CIP (Póvoa de St<sup>a</sup> Iria), na José Ribera (S<sup>a</sup> da Hora), na Soc. Produtora de Leveduras Seleccionadas (Matosinhos) e noutras empresas.

Em muitos casos, o patronato não paga como devia as indemnizações devidas em casos de despedimento. Urge que os trabalhadores, com a sua força unida, quer nas empresas, quer nos tribunais de trabalho, imponham o respeito dos seus direitos.

Dispostos a defender os seus direitos e para ver satisfeitas as suas reivindicações, em muitas empresas, como na Geffa, os trabalhadores uniram-se e passaram à acção.

Paralisaram o trabalho os operários da Eduardo Ferreirinha & Irmão (Porto), nas secções de mecânica e de montagem durante 2 horas e meia; na secção de serralharia durante 1/2 hora; na secção de frezagem durante 1/2 hora no dia seguinte (29-3). Nesse dia, todas as outras secções recorreram à «cera»; à noite, os operários dos tornos

(que trabalham por turnos), na sua maioria abandonaram o trabalho e a fábrica 5 horas mais cedo. No dia seguinte, a «cera» prosseguia em todas as secções.

Lutaram pelas regalias previstas no novo Contrato Colectivo de Trabalho dos metalúrgicos, os 1.000 operários da Sipe (Carcavelos); uma secção paralisou durante 1/2 hora; os operários não metalúrgicos insistiram por aumento de salário junto da gerência. Ante a unidade combativa dos trabalhadores, a Administração respondeu com uma circular a todas as secções anunciando aumento com efeito retroactivo a partir de Janeiro.

Protestaram contra o roubo de 5 horas de salário por semana e o não pagamento das 3 horas de sábado, as operárias da Only (Frielas-Loures) saindo em massa para a rua, decididas a recorrer à greve; esta, porém, não foi levada a cabo porque as operárias não souberam isolar 5 amarelos.

Opuseram-se em massa à tentativa patronal de roubar aos trabalhadores o feriado de 2<sup>a</sup> feira de Páscoa (regalia que têm há mais de 15 anos), os operários da Ferfor (Serrinha-Amarante), forçando com a sua unidade o patronato a desistir dos seus intentos.

Reclamaram através duma exposição, posta a circular na empresa, depois de terem recorrido ao Sindicato, o pagamento do que era devido a cada operário (cerca de 12 contos) em resultado do roubo patronal de 1/2 hora nas refeições aos operários, de turno, os trabalhadores da Sonadel (Alverca).

Ante a ofensiva de exploração desencadeada pelo patronato e o seu governo fascista, para defenderem os direitos conquistados e avançar na luta contra a exploração, os trabalhadores só têm um caminho. Multiplicar e elevar a formas superiores as acções nas empresas por aumento de salários e pela rápida satisfação das suas reivindicações imediatas. O prosseguimento e a intensificação desta luta é tanto mais necessária quanto é certo que é cada vez mais negro o futuro de miséria que o governo caetanista e os exploradores capitalistas estão reservando para a classe operária e as massas trabalhadoras.

## SAUDAÇÕES A PARTIDOS IRMÃOS

(cont. da 6ª pág.)

sagem:  
\*O Comité Central do Partido Comunista Português, em nome de todos os membros do Partido, festejamos a sua total solidariedade na posse luta em defesa da soberania e da independência do Chipre contra o complot e os ataques do governo militar da Grécia, do imperialismo norte-americano e da OTAN.  
Estamos certos, queridos camaradas, que o povo do Chipre, unido em volta do presidente Makarios e da sua política patriótica, afastará o perigo, resolverá os seus próprios problemas e abrirá de próprio o caminho do seu futuro.

punhado de criaturas do sexo feminino e oriundas de grandes famílias, que se agitam e pavoneiam em pseudo-organizações femininas, está no seu papel. Mas que não procure confundir-las com as mulheres portuguesas que, em duros embates com a repressão fascista, conquistaram o honroso título de combatentes de uma causa nobre: a causa do Progresso, da Liberdade e da Paz.

# PELO DIREITO À INDEPENDÊNCIA DOS POVOS DE ANGOLA, GUINÉ E MOÇAMBIQUE!

A missão especial da ONU visitou durante uma semana, de 1 a 8 de Abril, as regiões libertadas do sul da Guiné.

Segundo as declarações dos delegados no regresso, da sua visita e o comunicado de 10 de Abril do P.A.I.G.C., a missão especial da ONU foi recebida por alguns dos principais dirigentes daquele Partido e da luta, contactou com a população, participou em meetings públicos, viu escolas e outras realizações sociais, informou-se pormenorizadamente sobre as organizações e as instituições da nova vida que o povo guineense está a criar ao mesmo tempo que enfrenta os ataques terroristas das tropas colonialistas.

Na desesperada tentativa de impedir o cumprimento com êxito da missão da ONU, os fascistas-colonialistas desencadearam uma vasta agressão terrorista contra o sul libertado da Guiné, queimando várias aldeias com napalm, destruindo 2 hospitais, 1 posto sanitário e 3 escolas, matando 25 pessoas, entre os quais, 4 crianças, 13 mulheres e 2 velhos.

Fracassada a sua acção criminosa, nada mais restava aos fascistas-colonialistas do que gritar injúrias e mentiras. Com a sua mal engendrada versão segundo a qual os delegados da ONU não passariam de ingénúos ou ignorantes que haviam visitado a República da Guiné julgando tratar-se de território português, foram afinal os fascistas-colonialistas que se cobriram de ridículo e se desmascararam completamente, aos olhos do mundo como refinados embusteiros e criminosos.

Mas os históricos clamores dos fascistas-colonialistas perderam-se no deserto. A Comissão de Descolonização da ONU, depois de reconhecer o P.A.I.G.C. como único e legítimo representante do povo guineense, aprovou por unanimidade uma resolução para que seja também enviada uma missão especial às regiões libertadas de Angola e Moçambique. A campanha de solidariedade aos povos coloniais em luta pela sua libertação conhece novos sucessos. As criminosas acções militares e repressivas dos colonialistas portugueses contra as populações em luta é divulgada em tom de censura pelos próprios meios de informação europeia.

Exemplos da obra «civilizada» dos fascistas-colonialistas portugueses foram recentemente, entre outros, o massacre, no Boxo (Moçambique) de 14 camponeses, entre os quais crianças, pelos «comandos» (tropas especiais treçadas para o crime); por terem condenado o massacre de Mocumbura (no distrito do Tete) que vitimou 25 mulheres e crianças que se recusavam a ir para os «aldeamentos», foram presos pela Pide-DGS e enviados a tribunal 4 pais, também em Moçambique.

Inquietos perante os novos reveses que lhes estão a ser inflingidos pelos patriotas da FRELIMO na região de Cabura-Bassa,

os fascistas-colonialistas prosseguem a sua política aventureira, lançando-se em abertas provocações contra a Tanzânia. Porém, depois do fracasso da invasão da República da Guiné, o derrube dum avião colonialistas em território tanzaniano e o aviso expresso do governo da Tanzânia aos fascistas-colonialistas portugueses mostra que estes quebra-rão os dentes a cada provocação contra os países africanos amigos dos povos de Angola, Guiné e Moçambique.

O governo utiliza a mentira sistemática e a desinformação a todos os níveis da vida nacional para esconder do povo português a realidade. Nada porém, conseguiu impedir que no dia 15 de Abril, no Porto, 40.000 pessoas protestassem contra o aumento do custo de vida e contra as guerras coloniais; que os funerais dos jovens militares se transformem em manifestações contra a guerra colonial, como aconteceu em Março passado, em Grândola, onde os muros do cemitério local no dia do enterro de 3 soldados mortos na Guiné, apareceram cobertos de inscrições condenando as guerras coloniais; que aumente o número de deserções e prossigam as acções de resistência nos quartéis; que sejam sabotadas as iniciativas de carácter colonialista, como acaba de acontecer na sessão intitulada «As realidades de Angola», organizada pelos Altos Estudos Militares na Escola Normal (Magistério Primário), no Porto, que apesar das ameaças de punição a quem faltasse, não contou mais do que cerca de 30 presenças; nada impedirá também que, como em anos anteriores, os trabalhadores se recusem firmemente a oferecer uma hora de trabalho para o chamado Movimento Nacional Feminino.

Neste contexto, a aprovação da chamada Lei Orgânica do Ultramar, na Assembleia Nacional fascista, não passou dum farsa.

Em Janeiro de 1971, a Comissão Política do Comité Central do P.C.P. dizia que «o governo, com as suas novas «reformas», continua a ter, como principais objectivos, semear a expectativa, enfraquecer a luta popular, atrair os sectores mais vacilantes da oposição ao colaboracionismo, e largar as bases de apoio do regime, amortecer o vasto movimento da opinião pública internacional contra o colonialismo português e, entretanto, reforçar as estruturas fascistas do Estado e prosseguir, com novos instrumentos de acção, a exploração e a guerra colonial».

Fazer fracassar estes propósitos do governo é uma tarefa que se impõe a todos os portugueses dignos desse nome. Condição indispensável para isso é o prosseguimento e a intensificação, por todos os meios, da luta contra a guerra colonial, pelo direito à autodeterminação e à independência dos povos de Angola, Guiné e Moçambique.



pontos cardeais

**ALARME!**

*Os fascistas andam alarmados. E nervosos. Em todo o lado vêem revolucionários prontos a fazer ir pelos ares instalações de forças armadas.*

*Há tempos, como em frente do edifício da Defesa Nacional na Avenida Infante Santo, em Lisboa, tivesse parado um homem, logo o oficial do dia se pôs à espreita, inquieto. Ao fim de meia hora deu o alerta e mandou reforçar a defesa do edifício. Como o homem não arredasse pé, o oficial passou à ofensiva: Telefonou para a esquadra do Calvário e logo uma força da PSP marchou para o local, fez o cerco e prendeu o suspeito.*

*Atual, um pacífico cidadão esperando que a mulher saísse do emprego...*

**8 DE MARÇO**

*A data da jornada internacional das mulheres tem uma origem: a luta e a grande manifestação de rua das operárias têxteis de Nova Iorque em 8 de Março de 1857. Essa luta gloriosa, que constituiu um grande exemplo para as mulheres de todo o mundo, foi, como se sabe, violentamente reprimida pela polícia.*

*Pois é na polícia que M. Caetano comemora o 8 de Março, apresentando com espalhafato os novos 164 agentes femininos da PSP.*

*A grosseira provocação não assusta as mulheres portuguesas, senhor Caetano! Não é a PSP, sem mulheres ou com mulheres, que conseguirá impedir que a luta prossiga.*

**OS CORVOS**

*O corvo é um animal covarde. Foge dos vivos e procura apressar-se dos mortos. São muitos os corvos. Corvos de militantes desaparecidos, que não podem levantar-se das campas para os castigar! Corvos dos trabalhos e sacrifícios daqueles que odiavam! É um animal covarde, o corvo.*

**UM COMENTÁRIO**

*Avacção da ARA contra o quartel general da Libertação teve importante significado político e grande repercussão internacional! Jornais de todo o mundo publicaram fotografias com os destroços provocados. Reporters citaram o embarço do governo no dia da inauguração.*

*Houve porém quem contasse o facto de maneira diferente.*

*«Os estragos insignificantes (diz esse comentário) foram imediatamente reparados e ofereceram-se na TV imagens completísimas, onde se não vislumbravam os tais «escumbros, vidros partidos, janelas arrancadas». Destas nem sinal! Na desilusão sofrida por aqueles que haviam acreditado nos anunciados «importantes estragos» e no consequente descrédito de tais acções reside a vitória do governo?»*

*De quem o comentário? Da «Época» fascista, dirão os leitores. Não acertaram. O comentário foi feito num boletim dos golpistas de Argel. Apenas substituímos a palavra «fascismo» por «governo».*

**Quantias recebidas dos amigos do Partido**

Abaixo a guerra colonial	6500	Gabriel Pedro	100500	P. no Rib. 600500	Id.	400500
Ab. as guerras col. (Ab)	50500	Geólogo, bolchevique	1360500	Pelo Port. socialista	150500	Têxtil
Ab. as manob. da guerra	20500	Georgete		Por maiores		cerm.
Abaixo a Pide	20500	Ab. as manob. da guerra	500500	açq. pol. 1.000.00		Todos contra o
Abaixo o fascismo	20500	Ab. as manob. da guerra	500500	Pires	30500	int. comum 10500
Activo	20500	Ab. as manob. da guerra	500500	Jorge	40500	Tribuna liv. 40.00
Id.	10500	Ab. as manob. da guerra	500500	Id.	40500	Um camarada
A. Graça	150500	Ab. as manob. da guerra	500500	Pirex (Fev.)	40500	firme 10.000500
Agostinho	8124500	Ab. as manob. da guerra	500500	Id. (Out. e Dez.)	80500	Uma esc. da dif.
Saboga	8124500	Ab. as manob. da guerra	500500	Por um Portugal livre	20500	fascista 100500
Alentejo em luta	4.600500	Ab. as manob. da guerra	500500	Reformado (V)	12500	Uma sindc. 60500
Alerta trab.	7.000500	Ab. as manob. da guerra	500500	Rep. Bolch. 40500	Id.	Unidade na acção
A. Cunhal	150500	Ab. as manob. da guerra	500500	Rib. verm.	1.000500	Viva a ARA
Amigo de Faviões	10500	Ab. as manob. da guerra	500500	Santos	600500	ARA 20500
Amigos do PCP	142500	Ab. as manob. da guerra	500500	Sementes vern. no espaço*	25500	Id. 20500
Ao povo e a Revolução	220500	Ab. as manob. da guerra	500500	Sempre com o P.	500500	Id. (I)
ARA é que é bom	2.000500	Ab. as manob. da guerra	500500	Semilha	20500	Id. (II)
ARA - 72	186500	Ab. as manob. da guerra	500500	Silvense ver-tariado	156500	Viva o proletariado
Aragão	80500	Ab. as manob. da guerra	500500	Simões Nantes	100500	Vítimas do Tarrafal
Arte pop.	330500	Ab. as manob. da guerra	500500	Simpatiz. Id. (A)	60500	Vit. MPLA 20500
Ar. ur. (Set. e Dez.)	40500	Ab. as manob. da guerra	500500	Id. (A)	25500	Vit. de Maio 145500
Id. (Jan. a Março)	30500	Ab. as manob. da guerra	500500	Id. (A)	25500	Id. nº 09 450500
Augusto	25500	Ab. as manob. da guerra	500500	Id. (A)	25500	Id. nº 02 70500
Avante mulhe-res perm.	1.000.00	Ab. as manob. da guerra	500500	J-72	25500	Id. nº 79 200500
Bula	500500	Ab. as manob. da guerra	500500	Solidaried.	60500	Id. nº 76 200500
Camaradas emig.	150500	Ab. as manob. da guerra	500500	Total:	60500 (A.T.V.)	25500 99.341500
Catarina	30500	Ab. as manob. da guerra	500500	Transporte (B)	2.500500	Pava o 50º
Id.	30500	Ab. as manob. da guerra	500500	Univ. do Partido	50500	P.C.P. 1.000500
Cat. Infem.	20500	Ab. as manob. da guerra	500500	Campanha 2 mil	4.060500	Viva o 50º aniv. do P.C.P.
Combate ao divison.	50500	Ab. as manob. da guerra	500500	Emblemas 50º aniv.	60500	Viva o 50º do Partido
Cuba	150500	Ab. as manob. da guerra	500500	Id.	20500	Partido 4.000500
Id. Miranda	2.000500	Ab. as manob. da guerra	500500	F. Vermelho	100500	Id. 300500
Idias:	8.000500	Ab. as manob. da guerra	500500	Id. Menezy-1971	100500	50º PCP 300500
Cobeco	5.000500	Ab. as manob. da guerra	500500	Total:	1.314.602500	
Emblemas dos p. políticos	470500	Ab. as manob. da guerra	500500			
Estud. co-munistas	300500	Ab. as manob. da guerra	500500			
F. Vicente	140500	Ab. as manob. da guerra	500500			
Família	10.000500	Ab. as manob. da guerra	500500			
Festa	100500	Ab. as manob. da guerra	500500			



# ADIANTE NA BATALHA NOS SINDICATOS NACIONAIS!

Os sucessos alcançados pelos trabalhadores nos últimos três anos através dos combates de classe nos sindicatos nacionais, não só comprovam a justiça da linha do Partido Comunista Português neste terreno, como mostraram aos trabalhadores a sem razão daqueles revolucionários pequenos burgueses de fresca data que proclamavam enfaticamente que a linha do P.C.P. era anti-revolucionária, que a luta nos sindicatos nacionais não dava nada, que os trabalhadores tinham voltado às costas aos sindicatos, etc., etc..

A movimentação de centenas de milhares de trabalhadores em direcção aos sindicatos nacionais nos quais têm pelejado e pelejam massiva e bravamente pelas suas reivindicações de classe e colocado à frente de alguns direcções da sua confiança, deu lugar à criação de um verdadeiro movimento sindical de massas. As reuniões inter-sindicais para debaterem os problemas dos trabalhadores a uma escala mais larga, nacional, para acordarem nas medidas e na tomada de posições comuns para os resolver, coordenarem deligências e acções colectivas em defesa dos interesses de classe dos trabalhadores que representavam, foram, por si só, uma grande vitória do movimento operário português contemporâneo.

Alarmados com o rumo dos acontecimentos, o grande patronato e o seu governo deixaram cair a máscara da demagogia «liberalizante» e entraram numa actividade frenética com vista a travar o desenvolvimento do movimento sindical de características novas que acabava de nascer e a abafar as justas reivindicações económicas e sociais levantadas pelos trabalhadores num grande número de sindicatos nacionais.

\* \* \*

O recurso à repressão policial directa contra os dirigentes sindicais da confiança dos trabalhadores, eleitos em assembleias massivas, algumas com a participação de milhares de sindicalizados, foi a primeira medida do governo de Caetano. A repressão administrativa dificultando, proibindo ou impedindo a realização de eleições em vários sindicatos (têxteis do Porto e Famalicão, motoristas e gráficos de Lisboa, por exemplo), destituindo direcções de sindicatos como, por exemplo, as dos sindicatos dos metalúrgicos dos gráficos e motoristas de Lisboa e dos bancários de Lisboa e do Porto e nomeando Comissões Administrativas para os gerir, foi a segunda medida do governo. As ilegalidades, pressões de toda a ordem, intimidações dos governadores civis, com saliência para os de Lisboa, Porto e Braga, dos comandos da polícia e da GNR, dos delegados do INT e, sobre tudo, do bando da PIDE, falcaturas de toda a espécie e até a publicação apressada de decretos e regulamentações para anular outros pouco antes publica-

dos, com vista a dificultar e impedir mesmo a eleição de direcções de confiança dos trabalhadores e a realização de assembleias gerais nos sindicatos, foi a terceira medida do governo e do grande patronato.

Se bem que nada disto fosse novo na longa história do fascismo, dá todavia a medida do embaraço e do medo que se apoderou do governo caetanista pela movimentação dos trabalhadores no campo de luta que são os sindicatos nacionais.

A repressão policial e administrativa foi levada a níveis poucas vezes atingidos no passado em circunstâncias idênticas. Saliente-se também que talvez nunca no passado as massas trabalhadoras, em particular, e o movimento democrático, em geral, opusessem uma resistência à repressão fascista como no ano decorrido.

\* \* \*

Com a ofensiva repressiva dos meses de Maio, Junho e Julho de 1971, em especial nas regiões de Lisboa e da margem sul do Tejo, o governo de Caetano e os monopólios que serve, além de outros objectivos, visavam quebrar à nascença o grande movimento reivindicativo dos metalúrgicos de Lisboa, que acabavam de pôr à frente do sindicato uma direcção da sua confiança e movimentavam-se com grande entusiasmo e vigor em acções contínuas nas empresas e no sindicato por melhores condições de vida e de trabalho.

Evitar a todo o custo que o movimento se alargasse e consolidasse e que o exemplo combativo dos metalúrgicos da região de Lisboa saltasse para a margem sul do Tejo e levasse aos metalúrgicos das algumas regiões do Norte novos incentivos para os combates que travavam nos sindicatos e nas empresas pelas mesmas reivindicações, e mais do que isso, impedir que a influência poderosa dos operários metalúrgicos se alargasse a outros sectores operários e trabalhadores, foi a preocupação máxima do governo e do patronato.

Que só parcialmente conseguiram os seus objectivos, mostram-no claramente as numerosas acções massivas dos trabalhadores nos sindicatos nacionais em defesa dos seus interesses de classe, algumas delas relatadas no Avante!, de que são exemplos brilhantes as assembleias no sindicato metalúrgico do Porto com respectivamente 4.000 5.000 e 1.400 operários, a concentração junto do INT da mesma cidade com cerca de 1.000 e a assembleia no sindicato metalúrgico de Aveiro com mais de 1.500 operários, todas em defesa do seu contrato colectivo e pela sua homologação integral; as assembleias dos motoristas e dos bancários de Lisboa com respectivamente mais de 1.000 e mais de 3.000 participantes pela realização de eleições e por novos contratos colectivos de trabalho; a desautorização da Comissão Administrativa

do sindicato dos bancários de Lisboa por parte de 4.178 empregados que apuseram a sua assinatura num abaixo assinado; a assembleia no sindicato dos químicos de Lisboa com cerca de 2.000 associados que aprovaram um programa reivindicativo com vista à discussão de novos contratos colectivos de trabalho, etc..

\* \* \*

Mas, o governo de M. Caetano e a burguesia que representa e serve sabem que a repressão contra os trabalhadores não pode ser sempre mantida e muito menos ser sempre empregada com resultados favoráveis. A repressão como forma de governo cria também revolta nas massas e o descrédito interno e externo do governo. Por isso, este e os monopólios desenvolvem paralelamente uma intensa campanha ideológica tendente a desarmar e a perverter a consciência de classe do proletariado sob as enganosas palavras de ordem da «harmonia das classes», dos «interesses comuns», do «bem comum», da «participação nos lucros das empresas», dos «interesses nacionais», etc., etc..

No terreno sindical, o ministério das corporações fomenta de forma mais ou menos encoberta a criação dum misteriosa «Comissão de Defesa das Liberdades Sindicais» e a publicação de circulares e pasquins pseudo defensores dos interesses dos trabalhadores.

Assim, num pasquim intitulado «Defesa Sindical» os fascistas do ministério das corporações aconselhavam a escolher para as direcções dos sindicatos «aqueles que com prudência e bom senso sejam capazes de respeitar os princípios corporativos, defender os trabalhadores e preservar as liberdades sindicais».

Essa «prudência...» significa na boca dos fascistas do ministério das corporações a submissão completa dos dirigentes dos sindicatos nacionais à política anti-operária do governo de Caetano, a defesa dos interesses do patronato, a traição abjecta à classe a que pertencem.

«Preservar as liberdades sindicais», significa na boca dos fascistas do ministério das corporações manter nos sindicatos a paz dos cemitérios, ou seja a defesa dos interesses dos capitalistas e da ordem fascista.

Que isto é assim comprova-o o facto de durante dezenas de anos os dirigentes sindicais, com raras excepções, se terem limitado a assinar contratos colectivos de trabalho ditados pelos patrões e os homens do INT.

Ao contrário, de há três anos a esta parte em grande número de sindicatos nacionais, os trabalhadores exigem a sua participação na discussão e elaboração dos contratos e participam nelas. As negociações tornaram-se difíceis e muitas vezes tiveram de ser impostas ao patronato e grande parte delas só foram resolvidas por conciliação e arbitragem.

Que isto é assim mostra-o a evidência a demora propositada

nas negociações dos contratos colectivos de trabalho por parte dos patrões e do governo, as delongas para a sua assinatura e homologação e, acima de tudo, as homologações com ressalvas cada vez mais numerosas e sempre favoráveis ao patronato, mesmo daqueles contratos decididos por tribunais arbitrais, como é exemplo clamoroso o caso do contrato dos metalúrgicos de todo o país.

\* \* \*

Esta linha de exploração e opressão do governo caetanista mostra com mais evidência ainda ante os olhos da classe operária e das massas trabalhadoras a justiça da luta reivindicativa e social que vem travando nos sindicatos nacionais e a necessidade de se alargar essa luta a todos os sectores profissionais de trabalhadores.

Referindo-se a este problema num recente encontro de trabalho com os camaradas da Rádio Portugal Livre, o camarada Alvaro Cunhal precisava:

«Contra a política sindical fascista, contra a repressão sindical, contra as tentativas de liquidação do movimento sindical formado nos últimos anos, são tarefas insustentáveis na luta nos Sindicatos Nacionais, conduzir os trabalhadores a fazerem assembleias nos sindicatos e a reclamarem os seus direitos, a exigirem o termo das comissões administrativas, a lutar pela libertação dos dirigentes sindicais encarcerados, a correrem com os dirigentes sindicais fascistas lacaios do patronato e do governo, a conseguirem a realização de eleições, prepararem-se devidamente para elas, elegerem listas da sua confiança, defenderem as novas direcções da repressão fascista e procurar em renovar as inter-sindicais».

Ligar e coordenar mais estreitamente ainda e melhor a luta dos trabalhadores nos sindicatos nacionais com a luta nas empresas, nos locais de trabalho, à escala local, de zona, regional e nacional, é uma imperiosa tarefa que se coloca a todos os activistas proletários e de cuja realização prática depende a obtenção de novas conquistas e de novos sucessos.

A luta nos sindicatos nacionais assume cada vez maior importância no conjunto geral da luta da classe operária e das massas trabalhadoras pelas suas reivindicações económicas e sociais. Os trabalhadores não podem, porém, esquecer, por um momento sequer, que o principal campo de luta continua a ser a empresa, pois é nas empresas que se trabalha, que se produz e sofre mais directamente a exploração patronal. É nelas que têm de travar as batalhas que mais decidem para a conquista das suas reivindicações económicas e sociais e se temperam melhor os combatentes para o exército político do proletariado português que, com os seus aliados, por fim à ditadura fascista e conquistará a liberdade política, conquista absolutamente indispensável para avançar mais adiante, para o socialismo.



## NO VIETNAM

### Os Estados Unidos põem em perigo a Paz mundial

O bloqueio à R.D.V., ordenado pelo governo dos Estados Unidos, não representa apenas uma violação grosseira do direito internacional de navegação e comércio, significa também o agravamento da intervenção armada dos imperialistas norte-americanos no Vietnam e antes de mais nada um autêntico acto de guerra contra um país socialista, preenhe de perigos para a paz mundial.

As palavras de paz pronunciadas por Nixon, dias depois da delegação americana ter abandonado pela segunda vez a mesa da Conferência de Paris, não são sinceras, visam apenas cobrir a escalada da guerra contra o Vietnam e confundir a opinião pública internacional.

Que isto é assim mostra-o a decisão bandidesca de minar os portos da R.D.V. e de intensificar os bombardeamentos aéreos e navais às suas cidades, vilas e aldeias. Afirmando que os ataques aéreos prosseguiriam e que ordenara às forças norte-americanas que tomassem todas as medidas necessárias para interditar todos os abastecimentos aos norte-vietnamitas, Nixon brinca com o fogo, mostra que não quer nem a paz na Indochina com os povos desta região a decidir eles mesmos dos seus destinos, nem a distensão internacional. Tais decisões podem, pelo contrário, conduzir a um conflito mundial.

Pela boca do seu chefe de fila, os imperialistas norte-americanos arrogam-se o direito de impedir, a ferro e fogo, que o povo do Vietnam seja solidário entre si e considerem-se, eles, no direito de decidir, também a ferro e fogo, dos destinos do povo do Vietnam do Sul, da espécie de governo e de regime que mais lhe convém, de quais devem ser os seus governantes e que política devem seguir no campo interno e internacional.

O querer de todo um povo, forte com o apoio do campo socialista, com a União Soviética à cabeça, e da solidariedade de centenas de milhões de homens, mulheres e jovens de todos os países, incluindo os Estados Unidos, fez fracassar os planos de domínio e de submissão do imperialismo americano, não obstante um exército de mais de 500 mil homens armado com os meios mais modernos de combate.

É esse mesmo querer que anos depois fez desmover, peça por peça, a política de vietnamização da guerra.

Em vez de reconhecer, com factos, o direito aos povos de decidirem dos seus próprios destinos

e de praticarem uma política de paz, sentando-se à mesa da Conferência de Paris e aceitando com o base de discussão e entendimento os 7 pontos apresentados pelo G.P.R. do Vietnam do Sul e os 5 pontos da R.D.V., os Estados Unidos intensificam a escalada da guerra, recorrendo a meios e processos, dir-se-ia desesperados, que poderão provocar uma hecatombe mundial.

Evitá-lo, fazendo parar os agressores e fomentadores de guerra de Washington e levá-los à mesa das negociações, é uma tarefa premente que se coloca ante os povos de todo o mundo.

O povo português é chamado a intensificar a sua solidariedade activa ao Vietnam heróico, manifestando-se por todos os meios ao seu alcance contra a escalada da guerra nos locais de trabalho e de estudo, junto da Embaixada dos Estados Unidos, em Lisboa, nas ruas.

Comunistas, socialistas, elementos sem partido, democratas e partidários da paz, todos, devem dar-se as mãos para o desenvolvimento imediato de acções solidárias ao Vietnam, de condenação dos novos actos agressivos e provocadores dos Estados Unidos, pelo começo imediato das negociações de Paris, pelo termo dos bombardeamentos aéreos e navais da R.D.V. e das cidades e vilas do Vietnam do Sul, pela cessação da intervenção dos Estados Unidos na Indochina.

## URSS

### Comícios de solidariedade para com o povo português

Nos meses de Janeiro e Fevereiro, realizaram-se em Moscovo vários comícios de solidariedade para com o povo português, os presos políticos do PCP.

No dia 28 de Janeiro, na escola nº 21, ornamentada com imprensa clandestina e fotografias de militantes do PCP, uma jovem Komsomol fez um discurso sobre a luta do PCP.

No dia 5, no cinema «Artica», no Bairro Babuchkin, participaram cerca de 800 jovens e pioneiros de 40 escolas. Foram feitos discursos pelos jovens soviéticos que falaram largamente da luta do povo e dos comunistas de Portugal. Um representante do PCP usou da palavra. Cantaram-se canções revolucionárias portuguesas. Foi aprovada uma resolução, que publicamos integralmente neste número do «Avante», como exemplo do espírito internacionalista em que são educados a juventude e as crianças soviéticas.

Ainda no dia 5 de Fevereiro, e também no dia 8 do mesmo mês na «Casa de Cultura Moscovites» e na Escola nº 137, tiveram lugar comícios de solidariedade aos povos vítimas da repressão fascista, em que os jovens soviéticos falaram largamente de Portugal, manifestando a sua solidariedade.

### RESOLUÇÃO do Comício do Bairro Babuchkin

### RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Transmite diariamente em 3 períodos de emissão. Das 8 às 8,30 em 19, 20, 20,8 e 25 metros. Das 24,20 às 24,50, em 25, 26, 32 e 36 metros. Das 19 às 21 em 19 e 25 metros.

Aos domingos, transmite também das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

## 01º de Maio comemorado no mundo

Grandes manifestações de massas em todo o mundo ficaram a assinalar este ano o Dia Internacional dos Trabalhadores. Destacamos algumas:

**UNIÃO SOVIÉTICA:** desfiles e meetings nas capitais de todas as repúblicas, comemorando os êxitos alcançados nos vários sectores da vida nacional, expressando a solidariedade inalienável do povo soviético ao heróico povo vietnamita.

**R. D. A.:** parada militar e desfile popular de apoio à política do governo e do P.S.U.A. e pela ratificação dos tratados entre a R.F.A., a U.R.S.S. e a Polónia.

**CHECOSLOVÁQUIA:** grandioso desfile popular em Praga, expressando o apelo do povo às conclusões do 14º Congresso do Partido Comunista e a amizade entre os povos checoslovaco e soviético.

**POLÓNIA:** grandes desfiles populares encabeçados pelos principais chefes do Partido Comunista.

**HUNGRIA, BULGÁRIA, ROMÉNIA, CUBA, JUGOSLÁVIA:** desfiles e meetings com a participação de muitos milhares de trabalhadores.

**REP. DEMOCRÁTICA DO VIETNAM:** grandiosos meetings, num dos quais discursou o presidente da Federação dos Sindicatos que se congratulou com os sucessos económicos alcançados pelos trabalhadores e afirmou que o Vietnam do Norte sempre cumprirá e continuará a cumprir o seu dever para com o Vietnam do Sul e as suas obrigações internacionais para com os povos do Laos e do Camboja.

**R. F. A.:** o 1º de Maio foi comemorado em várias cidades por milhares de trabalhadores sob a palavra de ordem de luta pela ratificação dos tratados entre a R.F.A., a U.R.S.S. e a Polónia.

**FRANÇA:** manifestações em Paris, Marselha, Leão, Bordéas, Toulouse, Lille, Nantes. Milhares de trabalhadores expressaram a sua solidariedade aos povos da Indochina e exigiram a realização da Conferência de Segurança Europeia.

**ITALIA:** ao apelo das centrais sindicais, milhares de manifestantes

exprimiram o seu repúdio ao renascimento do fascismo e a sua solidariedade aos povos da Indochina.

**AUSTRIA:** em Viena, dezenas de milhares de manifestantes vieram para a rua em apoio dum rápida ratificação dos tratados entre a R.F.A., a U.R.S.S. e a Polónia, pela realização da Conferência de Segurança Europeia e solidarizando-se com os povos da Indochina.

**FILÁNDIA:** em Helsinquia e noutras cidades, desfiles em favor da Paz, da amizade com o povo soviético e da solidariedade com o povo do Vietnam.

**SUECIA:** grandes manifestações de apoio ao povo do Vietnam.

**BÉLGICA:** convocada pelo Partido Comunista da Bélgica, manifestação em Bruxelas contra a NATO, pela segurança na Europa e de solidariedade aos povos que vivem sob a opressão fascista.

**NORUEGA:** na maior manifestação que teve lugar em Oslo desde o fim da guerra, os manifestantes protestaram contra a adesão do seu país ao Mercado Comum.

**SUIÇA:** milhares de pessoas num meeting de solidariedade ao povo espanhol, na qual tomou a palavra Dolores Ibaruri, presidente do Partido Comunista de Espanha.

**ESPAÑA:** com manifestações de rua em Madrid e noutras cidades, os trabalhadores exigiram do governo franquista a satisfação das suas reivindicações económicas e protestaram contra a repressão. Na capital houve recintos violentos com a polícia dos quais resultaram 13 feridos e mais duma centena de prisões.

**ESTADOS UNIDOS:** meeting com muitos milhares de pessoas em Nova York exigindo o fim da agressão americana no Vietnam e liberdade para Angela Davis.

## SAUDAÇÕES

### A PARTIDOS IRMÃOS

Por motivo do 50º aniversário do Partido Comunista Brasileiro, o C.C. do P.C.P. enviou ao C.C. daquele Partido irmão, aos comunistas brasileiros, à classe operária e ao povo do Brasil as mais calorosas saudações fraternais dos comunistas e da classe operária de Portugal.

Depois de salientar que os comunistas brasileiros, forçados a uma longa e dura clandestinidade, tiveram e têm de arrostar conjuntamente com uma brutal perseguição para cumprir com honra os seus deveres perante a classe operária e o povo, a mensagem põe em destaque as «vitórias e conquistas preciosas» dos comunistas brasileiros fazendo votos por novos grandes êxitos na actividade do Partido Comunista Brasileiro. Em seguida, a mensagem afirma: «História antiga e contemporânea, conjunto de língua, afinidades de cultura e costumes, laços étnicos e afectivos, teceram vínculos muito fortes entre os nossos povos, os quais encontram expressão autêntica e viva na solidariedade que mutuamente se prestam os homens progressivos e democratas do Brasil e Portugal face à feroz repressão das duas ditaduras, ao negro confinamento dos governos e forças reaccionárias dos dois países e ao domínio do imperialismo sem pátria. E a terminar:

« Fazemos votos por que se reformem mais ainda os tradicionais laços de amizade e cooperação entre os nossos Partidos e a solidariedade entre os democratas, os trabalhadores e os povos dos nossos dois países — arma preciosa para os duros combates em que hoje estamos empenhados e firme garantia do florescimento futuro das relações entre os povos brasileiro e português, entre o Portugal e o Brasil de amanhã, livres, democráticos, independentes e finalmente irmãos.»

Ao C.C. do Partido Progressista do Povo Trabalhador (AKEL) do Chipre foi enviada a seguinte mensagem (cont. na 3ª pág.)